



**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO  
PARTICIPATIVA**

**PRESIDENTE: SANDRA SANTANA**

1ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO PL 127/23

LOCAL: CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO (CEU) - PARELHEIROS

DATA: 29 DE ABRIL DE 2023

**OBSERVAÇÕES:**

- Notas taquigráficas sem revisão
- Exibição de imagens

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Declaro abertos os trabalhos da 3ª Audiência Pública de 2023, que a Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa realiza hoje, dia 29 de abril, em Parelheiros.

Esta audiência pública foi convocada para discutir o PL 127/23, de autoria do Executivo, que dispõe sobre a revisão intermediária do Plano Diretor Estratégico do município de São Paulo, aprovado pela Lei 16.050, de 31 de julho de 2014, nos termos de previsão do seu artigo 4.

Informo que esta audiência pública está sendo transmitida no *site* e no canal do YouTube da Câmara Municipal de São Paulo; e a realização desta audiência pública vem sendo publicada no *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* desde o dia 24 de abril; no jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 21 de abril, e no jornal *Folha de S.Paulo* no dia 24 de abril também.

O público presente que desejar se manifestar, vamos abrir inscrições para falas com duração de até três minutos.

Convidamos também o Secretário Municipal de Urbanismo e Licenciamento, Sr. Marcos Duque Gadelho. Porém, ainda não chegou ninguém para representar SMUL.

Secretaria do Verde e Meio Ambiente, convidamos o Secretário Eduardo de Castro. Também não há ainda nenhum representante.

O Sr. Secretário João Siqueira Farias, de Habitação, ainda não veio.

Nós temos a presença da Sra. Elisabete França, Secretária Executiva do Programa de Mananciais, que convido para compor a Mesa.

Representando a Subprefeitura de Parelheiros, temos o Sr. Jeferson dos Santos, que também convido para compor a Mesa.

As inscrições já estão abertas.

Antes de começarmos, falarei um pouco sobre este projeto de lei, que é uma revisão do Plano Diretor, não em seu todo, revisão só de 25% desse projeto de lei de 2014. Está previsto, para 2030, um novo Plano Diretor.

Eu vou passar para vocês a definição de Plano Diretor, para começarmos a dialogar.

O Plano Diretor é um projeto da cidade, no qual atinge todos os seus aspectos físicos e territoriais, elaborado pelo Poder Executivo Municipal, sob a responsabilidade técnica de um arquiteto urbanista, com a participação de sua equipe interdisciplinar em um processo de planejamento.

Há reunião de assessores de SMUL com a Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, a fim de fazer com que avancemos em nossa região, em nossa cidade.

Esta audiência, sob o meu ponto de vista, é muito importante porque estamos em uma região da cidade muito periférica e em uma região em que sabemos das questões ambientais e de mananciais.

Moro na região e aqui temos a represa de Guarapiranga e, quando há invasões ou moradias irregulares, isso, muitas vezes, contamina a represa, que é o nosso reservatório de água. Eu costumo dizer que é a caixa d'água de nossas casas. Eu, inclusive, tomo água da represa. Em minha casa tomamos água da represa de Guarapiranga, que é uma água de qualidade. Por isso que estamos fazendo esta audiência na região de Parelheiros, a fim de conscientizarmos a necessidade da regularização fundiária e avançar com as habitações na cidade de forma correta, para não continuarmos estragando com as nossas áreas de mananciais e prejudicando as nossas represas.

Já há alguém inscrito para falar? (Pausa) Não. O objetivo desta audiência pública é ouvirmos a manifestação do povo, as suas reivindicações, a fim de as levarmos ao Poder Executivo para construirmos juntos uma cidade melhor, um bairro melhor. O que vocês tiverem para falar, tem de ser falado agora, porque vai ser registrado, está sendo gravado.

Enquanto as inscrições estão sendo feitas, passaremos à apresentação de SMUL – Secretaria de Urbanismo e Licenciamento.

- Apresentação audiovisual.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Vamos começar, então, a fazer as perguntas.

Convido o Sr. Osmar da Silva Santos, que é do bairro Jardim São Norberto, para fazer a sua pergunta.

**O SR. OSMAR DA SILVA SANTOS** – Boa tarde.

Sou do Jardim São Norberto, onde o Marcelo e a Dona Tata conhecem muito bem, principalmente a Tata, que me acompanha em todas as reuniões. E agora o Marcelo vai nos ajudar a resolver um problema que existe há 26 anos lá: nós não temos luz.

Nós temos água encanada; mas a luz, que é bom, nós não temos. Inclusive, semana retrasada, fiquei três dias sem luz. Então, o Marcelo vai nos ajudar a resolver esse problema. Graças a Deus, agora ele está à frente para resolver para nós, porque não é possível um bairro de 28 anos praticamente não ter luz.

Agora a Enel já foi até lá, renovou o número das casas e agora nós estamos esperando só o cadastramento.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Sr. Osmar.

Vamos continuar ouvindo os pronunciamentos e, no final, falamos com todos.

Convido o Sr. Ailton Nascimento Brito, liderança do Embura.

**O SR. AILTON NASCIMENTO BRITO** – Boa tarde a todos.

Apenas um fato que ocorreu hoje de manhã. Estivemos na audiência pública pela manhã. É triste a morosidade que a gente tem para resolver um problema tão básico que é regularização fundiária. Seria simples se eles não criassem tantos empecilhos, tantas barreiras, seria tão fácil. Algo tão simples, um direito constitucional que está sendo negado à população.

Eu queria muito um dia ver tudo isso se desburocratizar, seria tão mais rápido. Olha o tempo que a gente está esperando, discutindo o Plano Diretor, que não deveria ter essa necessidade. Sabe por quê? Porque já foi implantado o Plano Diretor. Não há o que se discutir. Há o que se cumprir, por isso dessa morosidade. Demora muito. As coisas têm que ser mais

rápidas. Hoje, nós estamos em 2023. As coisas não podem ser tão morosas, tão devagar assim. Acredito que hoje, através dessa reunião, a gente decida essa questão e que se possa caminhar, porque está muito devagar essa situação. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Sr. Ailton.

A Dona Bernadete, do Jardim Oriental, por favor.

**A SRA. BERNADETE** – Pessoal, boa tarde. Eu me chamo Bernadete, moro no bairro Jardim Oriental. A minha associação é a Associação Comunitária Jardim Oriental.

Eu estou aqui hoje para cobrar do Poder Público municipal escola, creche e UBS no nosso bairro. O nosso bairro é regularizado. Nós pagamos nossos IPTUs, e as nossas crianças estudam no município de Embu Guaçu.

Há 35 anos moro naquele bairro e venho lutando, por todo esse tempo, por uma escola municipal, porque nós não temos. A escola mais próxima que a gente tem é no Jardim das Fontes e é estadual. Então, eu quero pedir ao Vereador que é uma pessoa que nos ajuda muito, para ele nos ajudar a trazer uma escola municipal para o Jardim Oriental porque nossas crianças precisam disso.

Gente, muito obrigada. E estamos à disposição, se quiserem perguntar alguma coisa.

(Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Dona Bernadete.

Sr. Marcelo Ferreira, por favor.

**O SR. MARCELO FERREIRA** – Sr. Vereador Marcelo Messias, Vereador Fernando Holiday, membros da Mesa, senhores presentes, boa tarde.

O Plano Diretor é de 31 de julho de 2014. É uma lei aprovada. No ano que vem, fará vinte anos que foi aprovada. Então, essa é uma revisão.

Nesses vinte anos qual era o objetivo de mudança? Era termos uma cidade moderna, equilibrada, inclusiva ambientalmente. Pouca coisa mudou. Nós vemos um tema que vou trazer aqui, Vereadores, que é a mobilidade. Vamos pegar somente um exemplo na nossa região para a gente ver a cidade de São Paulo o trânsito caótico no dia a dia. Casa Grande e todos que

moram no extremo Sul, quer seja, de ônibus ou veículo particular, enfrenta o trânsito do Casa Grande.

E por que é que enfrenta o trânsito? Pelo gargalo que tem ali. E, se a gente pegar o Colégio Paulino Nunes Esposo, o mercado extra, nós percebemos que há um recuo para alargamento da via.

A Estrada de Parelheiros, que antigamente tinha esse nome, mudou. Da Jangadeiro até o Assaí, aqui na Avenida Paulo Guilguer Reimberg, para Senador Teotônio Vilela; e o restante mudou de nome para Ecoturística de Parelheiros, a Avenida Sadamu Inoue, mas é a mesma estrada dos anos 60. Pouco houve, ao longo dos anos, de melhoria.

Nós vemos aqui inúmeras pessoas falando de regularização fundiária, algo importantíssimo para toda a cidade de São Paulo, para desenvolver a cidade de forma ampla, mas nós não vemos isso. Por quê? Parelheiros tem restrição do solo. Tem que regularizar a situação de Parelheiros e de toda a cidade com a regularização fundiária, trazer investimentos para que essa região possa dar renda, sustento para o povo local. E como se faz isso? Através de mobilidade.

Eu estive, um tempo atrás, conversando pessoalmente com o Vereador Marcelo Messias, ao lado da Estação Mendes-Vila Natal. E o que eu propus para o Vereador? Criar um miniterminal naquela região para trazer as pessoas do extremo sul, como Colônia, Marsilac e Barragem, porque o atual projeto, na Estação Varginha, que está em conclusão de um terminal, tem um gargalo na Paulo Guilguer Reimberg. O que vai fazer com as pessoas? O trem vai chegar até a Estação Varginha, mas para sair de lá para chegar no Colônia ou em Embu-Guaçu, vai ficar muito tempo.

Então nós precisamos pensar numa cidade inclusiva. Este momento aqui é muito importante para nós todos, mas não pode ficar só no papel, e todos têm que falar. Porque o trânsito afeta a nossa vida diariamente.

E eu vou finalizar, Vereadores. O Vereador estava falando sobre a Represa Guarapiranga, que ele toma água, daqui da região. Quem tem fotos, acabei de pedir para o

senhor, dos anos 60 ou 70, da região; a Represa Guarapiranga encolheu mais de um quilômetro. Quem conhece a região, a represa margeava a Estrada Jaceguava. Hoje, é mais de um quilômetro de terra. Na Viação Bola Branca, como é conhecida; hoje, atual Cidade Dutra, é a mesma coisa: a Represa Billings margeava aquele trecho, hoje é só terra e lixo.

Então se nós quisermos viver numa cidade bonita, inclusiva, boa para nós todos, nós temos que repensar a administração pública. E eu quero citar, aos nobres Vereadores, a atuação da Sabesp. Quero que todos reflitam o que eu vou falar, porque a Sabesp está metendo a mão no bolso de todo mundo aqui. Ela cobra a água e 100% do esgoto, pelo que você consumiu de água. Só que ela pega o esgoto, canaliza e joga na Represa Billings e Guarapiranga.

O que eu queria pedir para os Vereadores, que não faz parte do Plano Diretor, mas que oficiem os órgãos públicos. Acabamos de conversar com o Promotor Jairo, que citou algo muito interessante e vou compartilhar com vocês. Palavras do Promotor de Justiça: por que que as aprovações de uma obra no Pacaembu, ele citou o exemplo do Estádio do Palmeiras, o Allianz Parque, são feitas do dia para a noite, e na periferia demora anos? Essas são palavras do Promotor de Justiça.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Marcelo, vamos encerrando, por favor.

**O SR. MARCELO FERREIRA** – Sim, Vereador.

Precisa ter celeridade e a Sabesp coleta esse esgoto e joga na represa. Isso é crime ambiental.

Gostaria que os senhores tomassem providências em relação a isso e que não cobrasse mais da população, porque ela não trata o esgoto. Seria uma forma de melhorar os mananciais e termos uma cidade bonita.

Obrigado. Boa tarde a todos. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Marcelo.

Com a palavra, Alex Fernandes, do Conseg Parelheiros e Marsilac, por favor.

**O SR. ALEX FERNANDES** – Boa tarde a todos. Sou Alex Fernandes, Presidente do Conseg Parelheiros-Marsilac.

Algumas situações que a gente queria pontuar sobre a regularização fundiária, vereadores e Mesa, já foram faladas aqui. Por nossa região se tratar de uma área de manancial e de proteção ambiental, ela se torna uma questão muito urgente. A gente entende que a Prefeitura tem trabalhado para resolver essas pendências.

Outra coisa que a gente precisa resolver na nossa região é a Lei de Zoneamento. Se não mudar a Lei de Zoneamento, a gente fica presa em algumas condições e algumas regras da Prefeitura até para atender uma coisa que é muita carente na nossa região, que são as questões de habitação. Infelizmente, alguns anos se passaram e a Prefeitura não instalou, na nossa região, programas habitacionais. E a gente vê em outras regiões, Capela do Socorro, Santo Amaro, M'Boi Mirim, todas com programas de habitação.

Um programa de habitação aqui, atendendo à legislação, vai influenciar em vários fatores, inclusive nas ocupações irregulares. Fazendo um programa de habitação aqui, a gente controla que a população ocupa áreas que são margens de represa e áreas de mananciais. Parelheiros é uma área de preservação. O que tem acontecido? Por causa dessa ocupação desenfreada, nossas represas estão ficando poluídas, estão degradando nosso meio ambiente. Então é muito importante que seja mudada a Lei de Zoneamento, incluir no Plano de Diretor para que a gente consiga desenvolver um programa habitacional.

Outra coisa que eu quero pontuar: eu sou Presidente do Samba do Padrinho e a gente precisa um pouquinho mais de investimento em cultura na nossa região, e uma cultura mais inclusiva. Essa cultura inclusiva não significa que tem que pegar artistas de fora e trazer para a nossa região. A gente precisa, urgentemente, valorizar os nossos artistas, cantores, produtores de artesanato. Infelizmente, nós não temos essa visão. A gente privilegia os artistas, os cantores de fora e não traz para cá. A gente tem compositores, cantores, produtores aqui de muito talento, mas muito talento.

Eu faço parte de uma comunidade do samba. As comunidades atendem às comunidades de verdade. É o primeiro elo entre a comunidade e o poder público. A gente agrega valores culturais e educacionais às comunidades, então é muito importante que se desenvolva



um projeto cultural regional. Não adianta a gente pensar em cultura para a Cidade inteira, quando a gente não vê a identidade de cada região.

Outra coisa muito importante é um trabalho voltado para o esporte, mas o esporte infantil. Eu tenho uma escolinha de futebol com 140 crianças, 140 meninos e 40 meninas. Mas a gente não vê nenhum tipo de incentivo para essa prática de esporte, principalmente futebol. Parelheiros é uma região que tem vários campos de futebol, então Parelheiros tem uma identidade no futebol da várzea, então a Prefeitura precisa incentivar essa prática instalando escolinhas de futebol.

O futebol não é apenas um jogo; ele forma homens, mulheres, pais, mães, cidadãos para o amanhã. A regra numa escolinha de futebol é a disciplina, a gente ensina sobre isso. Se ele não for um jogador de futebol profissional, ele vai ser um bom pai, porque ele tem horário, ele tem regra, ele tem tudo. E numa empresa, quando ele for para a empresa dele, ele vai ter essas regras.

Uma última questão, por ser Presidente do Conseg, é em relação à segurança pública na nossa região. A Guarda Civil Metropolitana, de que eu faço parte há 27 anos, exerce um papel fundamental na nossa cidade. Especificamente em Parelheiros - queria deixar um abraço para o Comandante Ricardo, que é o Comandante da Inspetoria de Parelheiros, que tem feito um excelente trabalho na nossa região -, precisa mudar e rever o tipo de viatura que a GCM usa na região, porque a nossa região é mista. É óbvio que tem a Ambiental, que tem as viaturas de grande porte, mas a GCM convencional também precisa de um olhar diferenciado, porque há bairros como Colônia, Barragem, Marsilac que as viaturas pequenas hoje foram trocadas por veículos Spin. Agradecer ao Prefeito Ricardo Nunes por essa iniciativa.

Mas a GCM de Parelheiros convencional tem necessidade de que seja modificado o tipo de veículo.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Alex.

A próxima é a Sra. Maria Cristina Conceição, por favor.

**A SRA. MARIA CRISTINA CONCEIÇÃO** – Boa tarde a todos. Boa tarde à Mesa.

Eu vim trazer um problema pontual do bairro que já é conhecido de todos. Vou ser breve. Eu tenho um problema sério com a UBS do Barragem. Todas as vezes que levo esse problema ao conhecimento do Poder Público me perguntam se tenho um local com escritura no bairro. Eu respondo que não.

Nós moramos em um bairro de Inbra. Nós não temos escrituras não direi em 100% das moradias porque eu seria um pouco... nem sei dizer, mas é certo que 98% dos moradores do bairro não têm escritura. Todos os moradores têm recibo de compra e venda dos seus imóveis, mas não escritura. Aí vem outra questão: encontre um imóvel com escritura que nós mudamos a UBS. Mas não tem esse imóvel no bairro.

A gente tem uma UBS minúscula, uma sala de espera com piso de chão batido que molha enquanto os pacientes estão esperando para serem atendidos.

Aí eu faço uma pergunta: nós temos moradores no bairro, não temos casa com escritura, para onde a gente leva essa UBS? Será que alguém pode me responder isso?

Esse é um dos maiores problemas que temos no bairro, Vereadores. Os senhores já conhecem esse problema. O que a gente faz? Essa é a minha pergunta.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Nós vamos responder a todos os questionamentos no final. Estamos marcando para responder no final para poder andar a audiência.

**A SRA. MARIA CRISTINA CONCEIÇÃO** – Muito obrigada. Esse é um dos maiores problemas que eu tenho no bairro. Se esse problema for resolvido, tenho certeza que o bairro vai ficar muito agradecido ao senhor.

Muito obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Maria Cristina.

Pessoal, nós vamos encerrar a inscrição para pronunciamento em 30 segundos. Quem quiser se inscrever, não perca a oportunidade. Temos mais 30 segundos para encerrar.

Convido o Professor Salvador Pires para o seu pronunciamento, por favor.

**O SR. SALVADOR PIRES** – Boa tarde a todos.

É um prazer estar aqui, diante das autoridades da região de Parelheiros. Agradeço à Subprefeitura de Parelheiros, aos Vereadores Marcelo Messias e Fernando Holiday, sou seu fã. Gosto de acompanhá-lo.

Sou professor de história, de dança e de capoeira. Tudo o que é voltado à africanidade sou professor, mérito nisso. Sou munícipe da região, faço parte da comunidade.

Pessoal, acho que é notório para toda comunidade de Parelheiros. Sr. Vereadores, nós temos aqui um aceleração no desmatamento na nossa região. É um caso sério. Não adianta só trazer a problemática, porque a população, evidentemente, vai crescer. Eu vou ter filhos e filhas, provavelmente, meus filhos terão suas futuras esposas, futuros maridos, construirão casas. Eles precisam de moradia.

É interessante que no artigo 5º da Constituição diz que todo brasileiro tem direito à moradia. Nós trazemos o problema da questão do desmatamento que é uma questão seriíssima. Eu estava há uns 500 metros do CEU de Parelheiros, conversei com uma senhora, dona de um bazar. De repente, vi um vulto passando pelas portas de aço e achei que eram ratazanas, pelo tamanho. Mas não, eram macaquinhos, mesmo. Eu achei interessante. Eu olhei aquilo. Eu estava comendo e aquele macaquinho olhou para mim e pediu a comida. Eu falei: “Gente!” Eu fui e dei a comida para o macaquinho. Ele pegou a comida e foi embora. Eu achei que ele tinha ido embora definitivamente. Passaram 20 segundos e ele trouxe um grupo de macacos, pedindo mais comida. Automaticamente, eu já imaginei: “Deve ser o desmatamento que está havendo aqui atrás”. Evidentemente, estão acabando com a moradia desses animais.

Gente, se vocês forem fazer uma pesquisa rápida, “capão redondo” significa lugar que foi instituído pela fauna e pela flora. Houve uma grande arborização, lá. Houve suas influências por meio dos adventistas. Depois, houve um loteamento a partir de 1950 e houve uma construção desenfreada. Se você der uma olhada, agora, em como está o Capão Redondo, lá está totalmente segregado, espacialmente falando. É uma segregação espacial e lá não há nem mais moradia. É um morando por cima do outro. Essa realidade vai acontecer na região de

Parelheiros, que é uma das maiores bacias hidrográficas do estado de São Paulo e está sendo desmatada. Estão poluindo as represas e também as bacias hidrográficas. Então, as autoridades têm de olhar para isso.

Eu levei esse projeto para a escola. Um aluno trouxe uma solução. Eu sou professor de escola pública. Ele falou: “Professor, por que é que as autoridades não olham para a sociedade mais carente? Eles precisam de moradia. Em vez de haver essa expansão horizontal, por que é que não se faz uma expansão vertical, construção de prédios? Assim, você agrega. Há mais saneamento básico. Por que é que isso não acontece?” Existe uma burocratização horrível para esse tipo de construção, que vai agregar a população na questão de moradia. Você cumpre o artigo 5º, pessoal.

Autoridades, essas são as minhas pequenas e sinceras palavras. Nós devemos ter um olhar acurado sobre essa situação. Está bom, pessoal?

Desculpem a vestimenta. É porque eu estava em um ensaio de dança. Eu sou professor de dança, também. Aí, não tive tempo de me vestir adequadamente.

Que Deus abençoe o trabalho e o projeto dos Vereadores. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Prof. Salvador. O próximo a fazer o pronunciamento é o Sr. José Evandro Pereira, do Conselho de Saúde do município de São Paulo.

**O SR. JOSÉ EVANDRO PEREIRA** – Boa tarde a todas e a todos. Boa tarde, senhores e senhoras.

Eu sou Evandro, morador do Barragem há mais de 20 anos.

A senhora falou sobre a UBS do Barragem. Nós já estamos em uma discussão na Coordenadoria Regional Sul sobre a questão do prédio. Realmente, problema de documentação no Barragem é difícil, mas há uma coisa que pode solucionar, rapidinho. Nós temos várias áreas da Prefeitura que não estão com moradia. Estão vazias. São mais de 36 terrenos da Prefeitura vazios e existem as associações que alugam esses prédios e pagam aluguel, sendo que esse aluguel poderia ser colocado para equipamentos... (Falha na transmissão) ...prédio,

construíssem nesses terrenos da Prefeitura UBSs ou creches no bairro que falta, porque, infelizmente, estão deixando a desejar, no Barragem, mesmo, não só na área da saúde, mas na parte do saneamento básico, na parte de iluminação pública. Infelizmente, nós estamos abandonados na região do Barragem. Estou falando pelo Barragem.

Hoje, há uma conferência municipal da saúde e nossos delegados estão lá, representando a saúde. Então, nós temos de estar nessa luta, para cada dia mais melhorar a situação. Nós não conseguimos mais andar. As estradas estão completamente acabadas, esburacadas. Infelizmente, há rede de esgoto correndo a céu aberto. A Sabesp não toma uma providência para ir lá, para colocar rede de esgoto para nós, e nós temos de fazer saneamento básico.

Estou aproveitando esta audiência pública para desabafar, porque entra ano e sai ano e o Barragem não é cuidado como devia ser. Nós pagamos imposto alto para ter direito à saúde, à educação e à moradia.

É isso. Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias) – Obrigado.**

Convido a próxima pronunciante, Sra. Anóan Sousa Santana, Delegada Suplente do Conselho Gestor de Parelheiros.

**A SRA. ANOAN SOUZA SANTANA – Boa tarde a todos, todas e todes.**

Ele já falou um pouco do que eu ia falar. Nós temos 19 unidades de saúde alugadas na região de Parelheiros. Temos 23 regiões públicas, dá para construir creches, escolas, EMElS e UBS. São gastos 2 milhões só de aluguel. Esse dinheiro poderia... Temos uma sugestão: 50% para a saúde; 21% para a educação; 12% para a moradia e o restante para a cultura, esportes e serviços sociais. Basta incluir no Plano Diretor.

Essa região é a única, ainda, de Parelheiros que tem esses espaços públicos, onde podem ser construídas essas unidades. A região de Santo Amaro, Campo Limpo, Capela do Socorro, não tem mais essa oportunidade, que temos aqui em poder fazer melhorias com esses benefícios para fazer essa inclusão. E com isso podemos melhorar os salários dos profissionais

que temos: policiais, saúde, educação que pode trazer melhorias para nossa região.

Muito obrigada pela oportunidade. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, você.

Sr. Toninho Colônia, assessor parlamentar do Deputado Maurici.

**O SR. TONINHO COLÔNIA** – Boa tarde a todos, todas e todes.

Sou Toninho Colônia. Quero começar dizendo o seguinte: eu não acompanho só o Vereador Marcelo Messias, acompanho os 55 Vereadores, que foram eleitos pelo povo, que estão na Câmara Municipal. Hoje deveria ter mais representantes eleitos pelo povo. Esse é o papel do cidadão e cidadã: votar, cobrar e acompanhar o trabalho dos parlamentares, seja vereador, vereadora, deputado estadual, deputada estadual, seja federal, senador, governador, Presidente da República.

Hoje estamos com mais uma audiência pública, né Tatá? Não é a primeira das últimas, mas como diz o meu camarada: os primeiros 100 anos é assim mesmo. Reivindicando o que, para a região? Moradia, transporte com qualidade, educação, iluminação, segurança. Está difícil.

Ainda hoje estive na audiência pública do Emburá, acompanhado pelo Promotor Jairo, cobrando água potável. Imagina, vários bairros na região de Parelheiros ainda não têm água potável. Água contaminada, esgoto a céu aberto na porta das UBS.

Eu milito na área da saúde há mais ou menos 40 anos, ex-conselheiro municipal da saúde. Esse CEU de Parelheiros é uma luta nossa, luta do Movimento Popular de Saúde Parelheiros/Marsilac, assim como o Hospital de Parelheiros. A gente conhece um pouquinho da história. É por isso que cobramos. E digo mais, governo é igual feijão, só vai na pressão. São todos eles. Não tem diferença. Na época de campanha - daqui a pouco vai começar - aparece gente de tudo quanto é lugar, que nunca nem imaginou ser candidato ou candidata e vem pedir voto, mas a maioria some depois.

Agora, as pessoas que votam também não fazem o seu papel, que é de cobrar, que é de ir atrás. Essa audiência pública era para estar hoje naquela avenida, parar o trânsito.

Parelheiros está sendo totalmente destruída, como algumas pessoas que me antecederam disseram, e a gente precisa tomar uma posição. O Legislativo e o Executivo precisam atuar com mais responsabilidade. Daqui a pouco nós não teremos mais água potável para ninguém, e não é só para Parelheiros, é para a capital de São Paulo.

É muito difícil e muito complicado se nós não tomarmos as providências. Vou fechar pedindo a gestão do CEU, que hoje fez uma coisa que não é para fazer, não é para ser feita. O portão número 3 do CEU, que está localizado na Rua Manuel Borba, número 20, é o portão oficial, entrada para qualquer pessoa, principalmente no dia de uma audiência pública. Como é que se fecha um portão para que as pessoas desçam ali, deem a volta em todo o CEU? Está errado e eu não vou pedir desculpas. Estou fazendo uma reclamação, estou deixando registrado nessa audiência pública que isso não pode acontecer outras vezes, seja qual for a reunião.

Nós fazemos a reunião do Conseg aqui. Cadê o Alex? O Alex acabou de falar, deve ter saído, porque ele vai trabalhar. Mas, esse portão sempre foi aberto e tem que ser aberto para a comunidade. Isso aqui é da comunidade, isso não é de nenhum gestor do CEU, da Subprefeitura de Parelheiros, não é, todos eles são pagos por nós.

Obrigado, boa tarde. Vamos à luta.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Tem a palavra o Sra. Aline Alencar.

**A SRA. ALINE ALENCAR** – Olá a todos.

Meu nome é Aline, também resido aqui na região e sofro com essa problemática da falta de regularização fundiária. O meu bairro tinha uma briga de Embu- Guaçu e São Paulo, a Subprefeitura atual não assume a responsabilidade. Então, não faz regularização mecânica, não expande a iluminação pública, por conta de uma briga entre eles, porque Embu-Guaçu cobrou IPTU irregular de vários moradores, e não devolveram. O Subprefeito, toda gestão em si sabe dessa problemática, que já está em andamento, porém eles fingem que a gente não existe.

O bairro de Taquaral tem essa briga, essa luta. O Wagner está aqui, já me conhece, vim pedir várias vezes, já protocolei lá no Ministério Público e mesmo assim é um descaso. Infelizmente essa é a realidade.

Comento a fala também do Promotor Jairo, de que realmente a periferia é a última a ser atendida.

Fora isso, faço parte do Cades e temos ações para conscientizar as pessoas, a comunidade, sobre esse desmatamento, as invasões, sobre como manter o meio ambiente. Se você se não tem uma educação ambiental, como as crianças, os adolescentes saberão disso? Então, muita gente compra lote irregular porque não sabe. A Subprefeitura, até acessar os funcionários da Subprefeitura é difícil; muitas vezes, sim, eles não estavam lá presentes. As pessoas compram porque não têm acesso, infelizmente.

Fora isso, o pessoal fala da saúde aqui, quem reside, para fazer um exame de sangue, de urina, de fezes, um exame de rotina, os médicos não fornecem. Eu conheço crianças que estão há mais de seis anos sem passar numa consulta, porque não tem médico. Essa é a realidade da periferia. Então, o que que adianta construir UBS se o médico não vem aqui atender a comunidade? Se não tem um laboratório para fazer um exame? Não adianta... (Falha na transmissão) ...para atender as demandas, atender a criança, o adolescente, o idoso. Então, realmente, tem que prestar atenção, tem que realmente fazer valer a pena, porque não adianta ter um Plano Diretor e não colocar em ação. Sem contar que a Subprefeitura de Parelheiros, pelo que saiu, é a que recebe a maior emenda. Então, dinheiro tem. E outra: se eles realmente se preocupassem, como o colega anterior falou, aqui estaria cheio. Eles não se importam com a gente. Essa é a verdade. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Aline.

Chamo o Dr. André Araújo, do Movimento de Regularização Fundiária e Urbanismo – MRFU.

**O SR. ANDRÉ ARAÚJO** – Uma boa tarde a todos.

Saúdo todos com a santa paz de Jesus Cristo, principalmente os integrantes, que compareceram, do Movimento de Regularização Fundiária e Urbanismo. Quero saudar e parabenizar o nobre Vereador Marcelo Messias, porque é a primeira audiência pública do PDE a esse horário. As outras audiências públicas estão acontecendo de sábado, às 8 horas da



manhã. Então, parablenzo o Vereador, porque isso facilitou o nosso acesso. Estamos em uma área periférica, de difícil acesso. Muita gente trabalha em dia de sábado. Então, essa é uma oportunidade a mais de participação.

Sobre o Plano Diretor Estratégico, nós estamos aqui com a principal autoridade na área de mananciais, que é a Beth França. Todos os projetos da área de mananciais, que incluem 100% da Subprefeitura de Parelheiros e boa parte da Subprefeitura de Capela do Socorro, M'Boi Mirim e Cidade Ademar. Então, estamos aqui com a honrosa presença da Secretária.

Diante disso, precisamos fazer uma diferença: aquilo que é causa e aquilo que é consequência dos problemas de regularização fundiária. Então, se você está reclamando por que não tem uma UBS, não tem uma escola, é porque boa parte dos distritos de Parelheiros e Marsilac, que são os mais pobres da Capital, é considerada área rural, como mostram os artigos 15 e 16 do Plano Diretor Estratégico. Isso dificulta toda a questão da regularização fundiária.

Outra questão bastante importante, que devemos ressaltar, é a falta de recurso público. Por que digo isso? Nós temos um Orçamento na cidade de São Paulo. E eu queria fazer uma retificação do dia 19 de abril, sobre a faixa de 3,6 bilhões. Não é isso. Ele supera 4,5 bilhões, Orçamento geral, com o Fundo Municipal de Habitação e o Fundurb. Então, qual é a proposta a que eu me refiro? Destinar, do Fundurb, carimbado, 15% para urbanização e regularização fundiária. Entenderam?

Outra questão: 30% do Orçamento da Secretaria de Habitação seria destinado obrigatoriamente para urbanização e regularização fundiária. Por quê? Estão falando que vão construir 22 mil moradias. Mas você tem que perguntar onde serão? Falaram que entregaram 220 mil moradias regularizadas. Onde entregaram? Eu queria que me apontassem 5 bairros aqui de Capela do Socorro até Parelheiros. Por que isso ocorre, gente? Primeira coisa: sobre a regularização fundiária, que o pessoal tanto fala, nós defendemos não só a regularização do seu lote; nós defendemos que, com assistência técnica, a quinta maior cidade do mundo possa também permitir, em convênio com universidades e faculdades, também a regularização dos imóveis. Por quê? Vamos ter um problema. Mesmo que a regularização fundiária venha a ocorrer

em 2084, 2095, somente os lotes serão regularizados.

Outra questão bastante importante: nós temos que ampliar o corredor que envolve a Senador Teotônio Vilela até Parelheiros. É uma demanda importante. Estou hoje no Conselho do Fundurb, nós temos uma dificuldade como suplente, e vários corredores da cidade de São Paulo não foram instalados. O que isso representa? É você chegando mais tarde na sua casa, é a dificuldade de você chegar para o seu trabalho. Então, são importantes esses recursos do Fundurb na questão dos corredores de ônibus. É uma demanda bastante importante.

Outra questão bastante importante é quando nós falamos em Habitação de Interesse Social. Nós temos que fiscalizar essas áreas de ZEIS, Zonas Especiais de Interesse Social, onde o pobre pode morar. Por quê? Porque essas áreas não estão sendo fiscalizadas, principalmente perto das linhas de metrô e das linhas de trem, onde ali são levantados edifícios, mas a população pobre de São Paulo não está morando ali. E por que isso acontece, gente? Porque nós não temos a fiscalização. Então, nós temos que carimbar, na matrícula desses imóveis, ali a obrigação de atendimento. Nós temos um cadastro de demanda habitacional da Cohab. Nós podemos utilizar esse cadastro para que essas famílias possam ser cadastradas, que vão para esses apartamentos em áreas de ZEISs. Em muitos desses apartamentos, principalmente na questão do Pode Entrar, há subsídio da Prefeitura. Então, nós temos que garantir que realmente a população pobre de São Paulo possa ser atendida.

O que é a população pobre? Quem ganha de um até seis salários mínimos. É importante nós estarmos aqui, no dia de hoje. Por quê? Porque o Plano Diretor vai dar base também para a discussão da Lei de Diretrizes Orçamentárias, para a lei orçamentária anual, para o Plano Plurianual e para várias leis da cidade de São Paulo.

Outra questão, Vereador, que acho que é bastante importante: A emenda constitucional 111 permitiu que a população do município fosse consultada sobre legislações em nível do município. E eu faço a seguinte proposta, Vereador: Que a primeira lei, a passar por essa consulta popular, em 2024, seja o Plano Diretor. Por quê? Com todo respeito a todos os Vereadores, porque não podemos nos conformar que apenas 55 iluminados da cidade de São

Paulo possam decidir o destino de doze milhões. Por quê? Porque o Vereador está aqui. Quantos Vereadores da zona Sul estão aqui? Só um Vereador está aqui, ouvindo essas demandas, ouvindo essas questões, ouvindo críticas.

Quando nós estivemos lá, no Grajaú, no lugar mais centro, na primeira, muitos lá discursaram. Muitos foram lá e ouviram. Não deram nem o retorno. Não é verdade? (Pausa) Então, eu quero que vocês marquem isso: Uma das propostas nossas é que se passe pelo crivo do povo. O povo tem que escolher, decidir qual o Plano Diretor que nós queremos para a cidade de São Paulo.

Só para encerrar, mais duas questões, Vereador. Até agora, nós não conseguimos votar e aprovar, na Câmara Municipal, o Plano Municipal de Habitação. Ali, no Plano Municipal de Habitação, nós temos uma demanda de 750 mil famílias em áreas irregulares. Vocês me perguntam: “Desse percentual, quantas famílias foram atendidas?” Menos de 5%.

Nós não conseguimos aprovar ainda o Plano Municipal de Redução de Área de Risco. Nós tivemos um crescimento nessa área de Parelheiros, de quase 66% nas áreas de risco. Nós temos aqui o pessoal do trem. Levanta a mão, pessoal, da linha do metrô. (Pausa) Esse pessoal está para ser retirado sem qualquer benefício, sem qualquer atendimento pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente.

Nós não podemos admitir, em obras públicas, remoções administrativas. O maior município do Brasil tem que garantir habitação para essas pessoas, de preferência aqui em Parelheiros, de preferência próxima do seu trabalho e da sua família.

Então, Vereador, temos desafios, mas o movimento de regulamentação fundiária não vai cansar enquanto a regularização fundiária não for uma prioridade.

Meu muito obrigado e Deus abençoe a todos. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias) – Obrigado.**

Tem a palavra a Sra. Tata Silva, grande Tata! (Palmas) Trouxe até a torcida, a Tata.

**A SRA. TATA SILVA – Boa tarde a todos.**

É que isso é... Estava ali pensando, nós desenvolvemos uma luta dentro das

periferias, e a gente começa a defender a nossa casa, a minha casa. Quando comecei, e fui para a Assembleia, depois fui para a Câmara, fomos defendendo o Manacá da Serra, porque a minha casa estava para ser demolida lá. Já tinham demolido a portaria, a casa da sede, o salão de festas. Então comecei nessa luta para defender a minha casa.

E, de lá para cá, percebi que não era só eu que não tinha casas; que não era só eu que morava num bairro irregular; e, por ser área de manancial, todas as semanas, de 15 em 15 dias, aparecia um fiscal da Prefeitura dizendo que eu tinha de sair porque a construção era irregular e ali não podia ter a construção, enfim, que eu tinha de sair de lá.

E eu acho que aqui, hoje, o problema é de todo mundo que mora na região de Parelheiros, principalmente, e em outros locais da Capela.

É muito triste saber que eu estou no Manacá da Serra, desde 98, e até hoje, através de muitas lutas, e olha eu sei que as pessoas têm dificuldades de me entender, mas eu tenho de dizer a verdade, e a verdade, às vezes, não agrada alguns.

Mas, a realidade é que a gente tem água e esgoto na região porque foi uma ação na Justiça. Foi o juiz determinou que houvesse água e esgoto. Foi o juiz que determinou que se regularizasse o Manacá. E nós estamos esperando que ele seja regularizado.

Então quero saber: quando isso se dará? Porque todos os bairros que nós moramos na região de Parelheiros eles são irregulares. O bairro de Papai Noel, por exemplo, desde 1987 que está esperando sua regularização. Temos Vila Natal, que é um bairro até totalmente consolidado, mas e a regularização dele, quando se dará? Daí que dizem também que não pode acontecer. Por que não pode acontecer? Tem bairro de 2016 para cá que dizem também que não podem regularizar.

A realidade é que não querem regularizar nenhum! Porque, afinal, enquanto não houver uma parceria de todos os poderes pela mesma coisa, querendo a mesma coisa, não vai acontecer.

Para vocês terem uma ideia como é que aconteceu um negócio. Pedíamos água no Manacá da Serra, mas antes do juiz determinar, decidiram que tínhamos de ser abastecidos por

caminhão-pipa. Por um ano e meio – ou mais – foi assim, recebendo água pelo caminhão-pipa. Daí que a Prefeitura não aguentava mais pagar o caminhão-pipa e nós continuávamos precisando e querendo água. Então foi que todo mundo se juntou e conseguimos água e esgoto, porque todo mundo se uniu.

Não queremos desmatar nada não! Queremos regularizar nossa casa, isso sim! A realidade é: não temos onde morar. Se vocês andarem comigo em cada cantinho de Parelheiros, vocês verão que a maioria mora mal, porque não tem água nem esgoto, não tem energia, não tem pavimentação. Moram mal!

Fico me perguntando: quando vão se juntar esse povo que mora ali? Eu não recebo uma conta na minha casa porque não tenho CEP. Os cartões e as contas importantes dos meus idosos são extraviados porque não tem CEP. E dizem que lá é um bairro irregular. É irregular para alguns. Para vocês que veem como irregular, mas nós vemos como moradia, como nossa casa, como a minha casa!

Vim aqui pedir, implorar por essas famílias. Nós precisamos de regularização fundiária! (Palmas)

Sabem? Na hora que saí da audiência, lá no CEU, eu liguei para o Vereador Marcelo Messias e disse: “Não vai ter audiência em Parelheiros? Como que não vai ter audiência pública em Parelheiros se precisamos discutir aquilo que necessitamos?” Daí eu pedi para ele encarecidamente que ele reivindicasse uma audiência para que nós continuássemos falando a mesma coisa que falo desde que cheguei no Manacá da Serra: regularizem a minha casa! Me água ali, para meu povo beber. Deem um asfalto para a gente pisar.

Olha esse senhor aí, o Sr. Osmar, lá existe um novo São Norberto, lá tem quase três mil famílias que pisa no esgoto, que pisa numa terra que moto não entra, que perua não entra, que as crianças andam quase dois quilômetros para acessar uma perua escolar, porque os carros não têm acesso, nem as peruas não vá lá.

Aí fico perguntando: onde está o direito da criança? Onde está o direito do idoso? Onde está o meu direito, que está sendo usurpado, roubado, e está sendo levado para outro

lugar? Não, não me desculpem, não tem como eu não falar disso, não tem como eu dizer que as pessoas estão aqui porque querem. Não, a gente está aqui para reivindicar direito que está na Constituição, que está lá está lá e tem que ser cumprido. Vou deixar isso claro.

Eu tenho um lado na minha vida. Nunca tive vários lados, não. Eu não gosto desse negócio. Eu só tenho um Deus, eu tenho uma família e eu tenho um povo. O meu lado é um só: é deste daqui. Estes que não têm casa para morar. O meu lado é desse povo aqui que não tem água para beber.

Sabe, um dia, tinham cinco famílias abastecendo que se abasteciam em um poço lá no Manacá. Isso é triste. Aí sabe o que aconteceu? A gente foi ferver a água e, antes de a gente ligar o fogo, ela já estava fervendo, saíam aquelas bolhonas. Quando nós saímos da porta, eu falei assim: “Gente, vocês não estão sentindo que o corpo da gente está fedendo?” “Sim”. Sabe o que aconteceu? A gente desceu para peneirar aquele poço e tinham dois ratos em estado decomposição dentro. Agora, eu posso beber essa água. Essas famílias podem.

Um amigo meu disse que para retirar um coqueiro teve que pedir e que foi muito difícil conseguir tirar esse coqueiro. Para tirar um coqueiro. Agora, para tirar as famílias das casas delas ninguém consulta a gente, não. A gente abre a porta e já está todo mundo lá: viemos demolir, viemos tirar você. Muito bonito. Isso pode.

Então, estou deixando isso muito claro. Sou cidadã, mãe de duas filhas. Sou mãe e pai na minha casa. Queria muito ser mãe e não conseguia. Com 40 anos, descobri que estava grávida e aí era de gêmeos e o pai sumiu. Aí eu tive uma sensação que eu não estava grávida, de tanto que eu queria. Isso é o sonho da casa da gente. É desse jeito que a gente se sente. Aí, o que aconteceu? Eu fui no cartório registrar minhas filhas. Quando aquela moça disse: “eu vou ler os detalhes aqui para ver se está certinho.” Quando ela disse: “Mãe Alciete Araújo da Silva.” Naquele dia eu tinha certeza absoluta de que eu era mãe e que ninguém me impediu isso acontecer na minha vida porque eu quis e Deus quis.

Quero dizer para vocês, encarecidamente, nós só vamos nos sentir donos das nossas casas quando vocês chamarem a gente para entregarem o título de posse e a nossa

casa regularizada. Então, gente, não vamos desistir disto: a nossa casa regularizada com água, esgoto, com luz, com tudo aquilo que é de direito. Então, vamos à luta, vamos brigar e vamos até o fim pela nossa casa regularizada. Nossa casa regularizada. Isso é direito.

Muito obrigada, Vereador, por me proporcionar essa oportunidade e por conhecer você, Elisabete França, que você possa abraçar a nossa causa, que você possa caminhar conosco e mudar a nossa realidade, porque vocês podem mais do que nós. Você pode mais do que nós. Então, eu agradeço a todos. Muito obrigado por tudo.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias) –** Obrigado, Tata.

Gostaria de chamar o Sr. Carlos Lima, do Fórum da Criança e Adolescente e também do Movimento Popular de Saúde de Parelheiros.

**O SR. CARLOS LIMA –** Boa tarde.

Queria, em nome do Vereador Fernando Holiday, cumprimentar os parlamentares da mesa. Em nome da Tata, quero cumprimentar todos os presidentes de associações e lideranças presentes e toda a população da região de Parelheiros/Marsilac.

Entendo que a discussão do Plano Diretor, que começou em 2014, e que participei de várias audiências públicas como esta, não podia começar em uma megalópole como São Paulo, que em todo o seu extremo, em sua grande maioria, é área de preservação e de manancial sem regularização fundiária, porque sem regularização fundiária você não pode construir habitação. Você nem pode construir estrada, nem vicinais. Você não pode fazer alargamento.

Aqui há o hospital com 250 leitos, que foi uma luta nossa, dos movimentos, mas você não consegue nem entrar e nem sair. É preciso dar vasão. Se não houver uma regularização fundiária, não adianta passarem nove, e vão se passar dez anos, discutindo e se rediscutindo um Plano Diretor sem implantar praticamente nada. Não adianta, gente. Você não consegue começar a construir uma casa sem a fundação e nem um prédio. A razão de toda essa luta é regularização fundiária. A Tata terminou de dar a receita. Precisamos regulamentar as regiões e, se não for feito isso, não adianta fazerem dez mil audiências públicas para discutir Plano Diretor e rediscutir, porque se termina virando palco eleitoral e não é para isso que a gente

organiza a população, num sábado, para discutir as nossas políticas públicas e as nossas ações nos territórios.

Nós, lideranças, estamos aqui para fazer a luta e vê-la acontecer. Ninguém está aqui para bater palmas. Estamos aqui porque nós somos pessoas que entendemos quais são os nossos direitos. Nós estamos aqui cobrando como provedores de um Estado omissivo. Nós estamos aqui porque nós pagamos a conta e a gente paga essa conta, anos após anos, e é muito cara. E o retorno? Precisamos que o Estado não seja tão omissivo. Precisamos que os nossos parlamentares sejam mais aguerridos para com as ações nos territórios, na região e no nosso município, que é uma megalópole. Nós precisamos que cada um de nós, no nosso direito de cidadão, cobremos aqueles que nós elegemos, para que façam o seu papel de parlamentar e de Executivo, entendendo que, a cada audiência como essa, a gente traz a luta, mas é preciso existir vontade política, porque, quando há vontade política, as coisas acontecem. A toda hora, levanta-se um novo comercial, um novo Atacadão, um novo empreendimento, mas para haver um prédio público, é preciso estar na mão de alguns proprietários, porque o Estado, a Prefeitura não pode construir, mas particulares podem. Todas as UBSs aqui da região de Parelheiros são alugadas. Esses prédios têm documentação, mas o município não pode alugar. Por que o município não pode fazer? Qual é o impedimento? Só existe regularização fundiária para o município? Para os empresários não? Então, é com esse não, com esse tipo de política que eu quero encerrar e parabenizar a todas e a todos que vieram para essa luta.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Tem a palavra o Sr. Vagner Fernandes, da Folha de Parelheiros.

**O SR. VAGNER FERNANDES** – Boa tarde a todos.

Quero cumprimentar a Mesa, em nome da Secretária Elisabete França, dos Vereadores Marcelo Messias e Fernando Holiday e do nosso grande amigo Jefão. Boa tarde a todos que estão presentes.

Eu não vou ficar falando muito do bairro, de uma questão de um local, pelo fato de



que eu quero falar sobre Parelheiros como um todo, como Marsilac, como um todo, os dois distritos dentro da capital. São Paulo tem 96 distritos. Como foi falado, nós estamos dentro da capital que mais arrecada dentro do Brasil. Não vou nem falar do mundo. Vamos falar do nosso Brasil, mesmo. São 96 distritos. Nós estamos no extremo Sul.

Automaticamente, há três bacias hidrográficas. Nós temos a bacia do Guarapiranga e a Capivari, mas todo mundo desconhece a bacia Capivari, que fica aqui, no fundo, que é nossa. Está aqui, conosco. Alimenta todas as três bacias.

Nós estamos dentro do Polo de Ecoturismo da capital paulistana. Nós estamos dentro de uma área com duas APAs, Áreas de Proteção Ambiental. Nós estamos na área do maior verde, mas com a incidência do ser humano. Nós moramos aqui.

Eu moro aqui desde os meus 10 anos de idade. Comecei a trabalhar aqui. Já trabalhei na Subprefeitura. Eu atuo na página *Parelheiros em Ação*. Sou proprietário da *Folha da Minha Sampa*. Tenho um restaurante na Estrada Engenheiro Marsilac, o Mirante da Ilha de Parelheiros, e nós temos o Mirante da Ilha na Ilha do Bororé, também. Nós fazemos um trabalho no ecoturismo. Nós fazemos, hoje, trabalho na Cachoeira de Marsilac, com o SelvaSP, com esporte de aventura, onde nós trazemos turistas de vários lugares de São Paulo, do Brasil e de fora do Brasil.

Nós estamos em uma região totalmente rica. Dentro dos 96 distritos da capital, eu não conheço algo assim. Eu já morei no Itaim Paulista até os meus 10 anos e, depois, eu vim para cá, do extremo Leste ao extremo Sul, e eu não conheço um distrito da capital paulistana mais rico do que Parelheiros e Marsilac.

Por quê? Nós estamos falando de pessoas que estão bebendo água do esgoto. Eu conheço essa história. Eu faço parte de um jornal. Quantas pessoas vocês acham que me mandam, por dia, o buraco, lá, da sua rua, a falta de iluminação? É igual à Estrada Morro do “S”, no Recanto Campo Belo, em que a população está há seis meses sem iluminação. Você fala com a Prefeitura e ela manda para a Ilume. A Ilume manda para outro lado. Você fala com a Subprefeitura e ela manda para outro órgão, mas, quando eu trabalhei lá, eu aprendi que a

Subprefeitura é um órgão fiscalizador. O que é que acontece com isso? É um órgão que fiscaliza a Sabesp e a Ilume. Ele fiscaliza todos os outros órgãos e ele pode ir lá e atuar.

Nós estamos passando as maiores necessidades por questões como aquela de que a Tata falou, de regularização fundiária, ou como aquela de1 que o André falou. Eu não vou ficar repetindo as mesmas coisas, mas eu vou pontuar a fala do André, que é muito pertinente, e a fala da Tata sobre a realidade de cada um. A Tata fala do Manacá, mas eu tenho certeza de que quem mora no Vargem Grande entende que é a mesma realidade. Quem está lá, no Taquaral, sabe que é a mesma realidade. Quem está lá, na 25, sabe que é a mesma realidade. Lá, na 25, há a Favela da 25, a comunidade da 25. O pessoal está lá e há enchente, córrego, doença, um monte de coisa. A Sabesp ligou a água, mas está cobrando o esgoto, também. Contudo, o esgoto está saindo à porta da casa da pessoa. Isso não é só na 25. É em vários bairros. Nós temos o 47, que está lá, no Emburá, no Distrito de Marsilac, passando por várias situações, também, de dificuldade.

O que acontece? Nós não evoluímos. Além de ter toda essa riqueza de que eu acabei de falar, nós somos os dois distritos com o IDH mais baixo da capital paulistana. Falaram de dois quilômetros, mas, lá, do Capivari, das aldeias, da Yrexakã, até a Vila de Marsilac, são sete quilômetros. Quando um ônibus escolar quebra, automaticamente, é desta forma que as crianças têm de andar: sete quilômetros para ir e sete quilômetros para voltar, até chegar ao Regina. Essa é a dificuldade que nós temos.

Nós temos duas escolas que pegaram fogo, aqui. Eles a demoliram e temos a esperança de que vai ser outro centro educativo, mas, não: vai virar quadra. Nada contra o esporte, mas, no bairro do Barragem, uma escola e outra queimam e o que acontece? Está todo mundo lá, no Joaquim. A minha esposa é conselheira tutelar. Ela sabe das dificuldades que têm essas escolas superlotadas. A criança tem dificuldade em casa. Muitas das nossas crianças não estão indo para a escola para estudar, estão indo para se alimentar. Chegam lá, não tem condições de educação, de alimentação.

Nós temos dificuldade com moradia, saneamento básico. Isso não acontece em um,

dois ou três bairros, mas na maioria dos bairros. Temos um bairro que eu conheço, que é um bairro regular. Alguém conhece um bairro regular em Parelheiros? Eu conheço. O Santo Humberto, que fica lá para dentro do Jusa. O Santo Humberto é regular. Eu tenho um terreno lá com escritura no meu nome. Mas esse bairro não tem pavimentação, saneamento básico, não tem nada. Sabem por que não tem? Porque é um bairro com poucos moradores. Então, automaticamente sabemos como funciona. Vamos regularizar, mas por qual bairro que começamos? Vão começar pelo maior. Começam pelo Vargem Grande. E onde tem mais dificuldade, como no fundão do Marsilac, no fundão do Barragem, Cidade Luz, fica desse jeito, com a maior dificuldade, deixando claro para vocês da dificuldade que nós temos no nosso bairro.

Na questão de regularização fundiária, não temos empregabilidade, daí a dificuldade que temos de ir para fora. Qual é o investidor, sabendo que aqui é um polo de ecoturismo, irá querer investir em uma área que não tem escritura, uma área que ele não pode atuar? Parelheiros não pode ter indústria, mas pode ser fomentado no ecoturismo na cidade de São Paulo. Sabe por que 50% da população local não está ganhando dinheiro com isso? Porque a nossa região não tem regularização, e com a falta da regularização, não conseguimos trazer investidores para a nossa região.

Fica aqui a minha fala da importância da regularização fundiária, para que possamos ter melhor qualidade de vida, para que a gente não fique nessa questão desse contraponto. A região mais rica de água da cidade São Paulo e a população que mora nela fica tomando água com rato, esgoto; as crianças ficando doentes, porque não tem saneamento básico.

Muito obrigado. Obrigado a mesa. Obrigado pela paciência, Vereador Marcelo Messias.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado Sr. Wagner.

Vou passar a palavra ao Sr. Wanderlei Ramos, conhecido como Bigode, do Mirante da Ilha do Bororé.

**O SR. WANDERLEI RAMOS** – Boa tarde a todos.

Eu me chamo Wanderlei, para quem não me conhece. Sou da Ilha do Bororé, do

Mirante da Ilha do Bororé, que todos conhecem. Quero agradecer ao Jefão; ao Fernando Holiday, venha mais vezes na nossa região, seja sempre bem-vindo; Marcelo Messias é de casa, está sempre por aqui.

Gente, estamos aqui com a Beth França. Eu acredito que as coisas vão melhorar. Se vocês forem lá no Grajaú, vão ver o que aconteceu lá por causa da Beth França, ela acreditou no projeto. Peço uma salva de palmas para essa mulher. (Palmas)

Para mim, que sou da quebrada, nasci e cresci na quebrada, sei como é que funciona e vi a mudança que foi feita no Grajaú. Favelas enormes na beira da represa saíram de lá e hoje o pessoal está nos prédios. Muito obrigado. Você mudou o Cantinho do Céu, Lago Azul. Na nossa região você mereceria uma estátua em sua homenagem.

Venho aqui falar um pouco do turismo da nossa região. Falamos da regularização fundiária, mas temos de lembrar que estamos em uma área turística. O fundão da zona Sul é só natureza. A única água natural que a gente tem - não sei se o pessoal sabe - a cada 10 copos de água que nós bebemos, três vem de Parelheiros. A Sabesp bombeia nossa água 24 horas por dia, do nosso rio limpo em Parelheiros, para juntar na água para a gente beber de novo. Não sei se vocês sabem disso. A gente está numa área turística.

Eu vou falar um pouco da Ilha do Bororé. A ilha do Bororé é o meu xodó. Quando eu conheci a ilha do Bororé - eu conheço bastante o Brasil e eu estou numa área totalmente turística -, aqui é uma área, se você passar da balsa para lá, você mudou, você entrou no interior de São Paulo. Quando eu adquiri esse conhecimento, só que lá sempre foi falado que era o fim do mundo, imagina, não vou atravessar a balsa, a balsa tem uma fila de duas horas para atravessar. Só que eu conheci o que tinha lá dentro e fiz um investimento que é no Mirante da Ilha de Bororé. Acho que a maioria aqui já deve ter ouvido falar da gente, na rede do Mirante da Ilha do Bororé. A gente acreditou no turismo, que não existia. Sabíamos que era um potencial, reformamos o lugar, era um lugar de descarte de carros irregulares na região. Arrumamos e isso fez com que o turismo fosse fomentado. Hoje recebemos mais de 10 mil turistas de fora do Grajaú, no Mirante da Ilha do Bororé.

Nunca íamos acreditar que isso ia acontecer lá, mas hoje é uma realidade. Nós temos 10.000 bicicletas por mês dentro da Ilha do Bororé, só que temos um problema muito grande. Temos as bicicletas, temos na ilha 30 chácaras de locação, trazendo turistas todos os finais de semana, só que não temos uma calçada na avenida principal. Conseguimos chegar com o turismo, o turismo veio, ele é pujante na ilha, só que não consigo ajudar com que isso aconteça, com uma ciclovia, uma calçada na via, e a ilha é totalmente turística. Temos uma igrejinha na ilha, é de 1904, e tem um santo lá, que é o único feito à mão no mundo. O pessoal do mundo inteiro visita a ilha do Bororé e a maioria das pessoas que moram lá não conhece a história.

Então, estamos para fomentar a história e nessas a gente veio aqui para o Plano Diretor. Marcela, a gente quer que haja áreas na região que tenham interesse turístico, porque estamos investindo. Há várias pessoas investindo, tanto aqui, quanto na Robert Kennedy. Não sei se vocês sabem da estátua, estão barrando uma estátua na Robert Kennedy, que é a coisa mais linda do mundo. Em qualquer lugar do mundo, o pessoal ia abrir os braços para trazer a estátua, só que na nossa região, nós temos dificuldade para colocar as coisas, para fazer as coisas acontecerem.

Então, que o interesse venha mesmo para a nossa região, dentro do Plano Diretor; que tenha ajuda dos Vereadores para que consigamos colocar algumas áreas de interesse turístico, para conseguirmos fechar esse bonde e ter mais força para puxar, tá bom, galera?

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Tem a palavra o Sr. Marcelo Siqueira Moreira, dá Associação Comunitária da Vila União, Jardim Miriam/Grajaú.

**O SR. MARCELO SIQUEIRA MOREIRA** – Boa tarde a todos e a todas.

Cumprimento a Mesa, através da Secretária de Mananciais, Elizabete França.

Cumprimento os Vereadores Marcelo Messias e Fernando Holiday.

Cumprimento também o Jefão, da Subprefeitura de Parelheiros, tive o prazer de conhecê-lo essa semana

E cumprimento também uma pessoa que deveria estar na Mesa, mas não está, o

coordenador do CPM Municipal, que é o Conselho Participativo Municipal, o Cássio, que está aqui e deveria estar na Mesa. Acho que o Vereador deveria chamá-lo para a Mesa, porque ele representa a população junto à Subprefeitura, então deveria estar na Mesa.

É muito legal o que aconteceu durante essas semanas que se passaram. No dia primeiro de abril, nós tivemos a audiência lá na Capela do Socorro.

Para quem não sabe, meu nome é Marcelo Siqueira. Sou da Associação Comunitária Parque Vila União e também venho representando o grupo CPM Lideranças SP. E, no dia primeiro, na Capela do Socorro, nós tivemos audiência pública e não foi falado que ia ter audiência aqui em Parelheiros e, agora, nós já tivemos duas.

Nós tivemos uma com a Vereadora Luana Alves e, agora, com o Marcelo Messias, fazendo o chamamento também. Então, é muito bom esse engajamento da Câmara Municipal, realmente lembrando que aqui, Parelheiros, é uma região que precisa de muita coisa.

Outra coisa que venho falar foi o que aconteceu quinta-feira agora. A nossa Associação, juntamente com outras associações, foram convidadas pelo Ministério Público de São Paulo, juntamente com outras comunidades lá do fundão de Cidade Ademar, para participar da segunda rodada de conversas, ou seja, diálogos com relação à Billings. Nós tivemos lá essa *live*, ela foi oriunda da audiência, da visita técnica, na verdade, que nós tivemos no dia 24 de março e a coisa está rolando. O Ministério Público, inclusive, sugeriu para as comunidades e para o Poder Público que se faça a montagem de um fórum permanente de debates sobre a questão da Billings. A questão da Billings não passa só pela questão ambiental, passa também pelas comunidades que estão lá, as ribeirinhas. Um monte de gente mora há mais de 30 anos lá e sem muita assistência do Poder Público.

Hoje o Poder Público, através até da assistência do Ministério Público, vem fazendo todo um debate para realmente valorizar a questão humana. Também não adianta ficarmos pensando no meio ambiente, pois lá também tem gente, lá moram pessoas. Essa iniciativa do Ministério Público, estamos acompanhando, durante os meses terão outras rodadas de conversa e estaremos atentos a essas questões.

Outra coisa que viemos falar aqui - e vimos aqui muita gente falar – é sobre a regularização fundiária. Uma coisa que eu coloco para a Mesa, para a Câmara Municipal, agora nesse debate da revisão do Plano Diretor, é que se mude o artigo 48 e 52 da lei do Plano Diretor, que fala sobre o conselho gestor de ZEIS. Nós temos que ter conselho gestor de ZEIS. Nós temos que ter uma coisa que é básica: povo na jogada. Se temos um conselho gestor de ZEIS, esse conselho vai fiscalizar aquilo que o Poder Público muitas vezes não faz. Então, temos que ter um conselho gestor, viemos batendo com isso em vários lugares, está no Plano Diretor atual, que foi aprovado em 2014, e nós precisamos mudar. Marcelo e Fernando, que estão aqui representando a Câmara, nós precisamos mudar essa concepção e realmente aflorar essa coisa de ficar um conselho bipartite, de fato, trabalhando junto com o Poder Público e fiscalizando o que está acontecendo hoje dentro da cidade. Muita coisa acontece e não é vista naturalmente pelo Poder Público e o povo está sempre denunciando, igual fez a Tata muito bem. Precisamos de um conselho gestor de ZEIS em todas as áreas que têm ZEIS. Então, precisa mudar.

Para finalizar a minha fala, uma coisa importante que não podemos deixar de falar é sobre o orçamento cidadão. Está tendo agora dentro da cidade, todo ano tem a iniciativa de se trabalhar cinco propostas, no final, votadas pelo povo para as 32 subprefeituras da capital. E aí temos esse momento agora de escolher propostas, de trazer reivindicações e ficarmos atentos ao orçamento público municipal.

Muita gente, às vezes, vai na Subprefeitura, vai encher o saco do Jefão, falando: “Poxa, quero isso, quero aquilo”. Só que não sabe que o orçamento é constituído anualmente e, muitas vezes, a subprefeitura não tem um poder geral de fazer tudo na cidade. A subprefeitura tem um orçamento na cidade. Eu não sei qual é o orçamento aqui de Parelheiros, sei lá da Capela do Socorro, porque sou oriundo de lá. Lá nós temos 46 milhões anuais para serem distribuídos na verba de zeladoria somente aí. Precisamos que os subprefeitos das 32 subprefeituras sejam aliados nossos, perante as outras secretarias, porque o dinheiro está rolando.

Nós temos um orçamento farto, o Prefeito já anunciou que tem muita coisa dentro desse orçamento e nós precisamos pegar esse orçamento para o povo e não um orçamento que

seja só administrado pelas secretarias, pelos departamentos, ele tem que ser fiscalizado. E está aí o Conselho Participativo Municipal para ajudar o povo nisso. Então, procure o Cássio, que está ali. Procurem os membros do Conselho Participativo Municipal para fazer valer o direito de ter esse ato de fiscalizar o orçamento público aqui da região, principalmente aqui de Parelheiros.

Eu não sei o valor, depois alguém pode até falar, mas temos que fiscalizar e temos que pegar esse dinheiro e aplicar realmente na população. Um dado específico lá no CPM Liderança SP, que nós vimos lá, outro dia estávamos conversando com a nossa galera e verificamos que Sapopemba, só para se ter uma ideia, gastou 60% só do orçamento, ou seja, ficaram 40% sem gastar. Então, esse é o recado que eu tenho que dar.

Obrigado, Vereadores, obrigado pela presença aqui.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Marcelo.

Vou chamar o Sr. Agamenon Gomes, Jardim Santa Fé.

**O SR. AGAMENON GOMES** – Primeiramente, boa tarde, não só a vossa Mesa, mas aos demais, que é o mais importante, que somos nós munícipes.

Eu vou ser bem rápido, V.Exa., nós temos que estar aqui sim. Primeiramente vou falar de um direito que é nosso, de pedir que sempre tenham audiências públicas na nossa região, porque fica difícil estarmos cobrando lá dentro da nossa Casa, que é a Câmara, senão se torna tumulto. Aqui já fica um pouco tumultuado, mas está se aproximando mais ainda de nosso município, de nós, moradores, trabalhadores. Não só desse lado, como a Mesa aqui também, todos são trabalhadores, mas vamos voltar aqui a minha cobrança à Mesa.

Gostaria de saber qual é o plano que se vai ter para Parelheiros? Qual é esse plano? Porque falamos muito de ecoturismo, turismo. Conheço perfeitamente pessoas sérias que estão trabalhando na nossa região e, às vezes, a gente fala: “tem que dar porrada, sim, temos que dar porrada com direito daquilo que queremos cobrar”. Essa é a realidade. Mas qual é, antes disso, a do turismo? O que vocês vão trazer antes desse turismo? Igual tem há muito tempo, nosso turismo, na nossa região, mas a infraestrutura ao todo, qual é essa infraestrutura toda? Eu gostaria de estar cobrando tudo isso aqui.



A gente fica fazendo palestras, nós temos que estar falando, mas com entendimento daquilo que nós estamos querendo e o que vocês vão passar para a gente. Quando eu bato na porta da Subprefeitura, Jefão que o diga, eu não tenho nada contra pessoas e não se deve ter mesmo, porque a palavra “empatia”, vocês precisam saber o significado da palavra empatia, não tem que misturar as situações. Vou bater sim, sempre, aquilo que é o meu direito de cobrar de vocês, que estão aqui nos representando.

Eu gostaria de saber qual é o projeto que tem aqui para Parelheiros, a comodidade, espaço de locomoção. Parelheiros já cresceu há muito tempo. Como eu falei na outra audiência, Parelheiros já cresceu desordenado há muito tempo, igual São Paulo cresceu desordenado, gente. A única cidade modelo que existe no Brasil é Curitiba, que inclusive já ficou atrasada. Nós precisamos de espaço, nós precisamos que a gestão da Subprefeitura trabalhe isso com os moradores. Está insuportável. As empresas de ônibus fazem o que querem, estacionam em qualquer lugar, parece que é uma terra sem lei.

Então, precisa haver o Plano Diretor. A Subprefeitura está aí, tem pessoas competentes para organizar isso. Não é o munícipe que tem que ficar apontado isso ou aquilo, tem que ter um direcionamento de tudo. A Prefeitura já foi dividida por isso. Se tornaram várias subprefeituras para quê? Para diminuir a quantidade de trabalho na Prefeitura, gente. Então, a Subprefeitura tem que ter pessoas. Cobrem o Prefeito. Precisamos de funcionários, precisamos de fiscal para tal rua que está assim, a CET, a Sabesp etc., gente. É isso que eu quero saber do nobre.

Outra coisa, um pedido que vou fazer. Igual já ouvi muitas falas aqui, “vamos prestigiar”. Tem que prestigiar sim quem esteja aqui e quem vai continuar aqui. Assesores de qualquer partido que seja, de qualquer parlamentar, têm que estar aqui. Porque, como o Toninho falou aqui, gente, todo mundo chama Parelheiros de fundão. Parelheiros não é fundão, não; eu repeti isso na outra audiência. Quem falou que Parelheiros é fundão? Nós somos o começo do mundo. Quem falou que aqui é fundão? Quando a gente chama Parelheiros de fundão, nós estamos nos excluindo, estamos nos diminuindo. Por que lembram de Parelheiros para vir buscar

votos? Então, fica o recado perante a Mesa.

Graças a Deus, eu acompanho a nossa Câmara. É bom, pessoal, buscar informações. Tem a TV, a TV Senado e por aí vai.

Acontece o seguinte: é isso que nós precisamos, ter a resposta, ter essas resoluções. E cobrar os assessores de qualquer Vereador, qualquer Deputado que esteja vindo aqui trabalhar. Nós queremos essa resposta de organização, do direcionamento na região de Parelheiros para depois pensarmos em turismo *etc.* Porque nós precisamos ter o quê? A nossa fluidez. Eu quero essa resposta.

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Agamenon.

Vamos chamar o último participante, Adelino Rodrigues, do Conselho Participativo da Subprefeitura de Parelheiros.

**O SR. ADELINO RODRIGUES** – Boa tarde a todos e a todas.

Estou aqui representando os conselheiros participativos. Estou aqui com a Rosângela, que está ali sentada com o Cássio, que chegou logo depois. Venho agradecer por esta oportunidade de estarmos aqui. Agradeço à toda a Mesa, ao Jefão, a todos os que estão aqui.

Minha reivindicação para o Plano Diretor é de um CCA para o Colônia e Jardim Santa Terezinha. Por quê? Esse bairro é um bairro bem antigo, tem aproximadamente 180 anos. É um bairro que foi colonizado por alemães, suíços, japoneses, mas hoje em dia tem nordestinos, pessoas de várias etnias e estados. Tenho observado a questão dos jovens. Os jovens têm ficado muito na vulnerabilidade social. Moro lá desde criança, fui criado no bairro e pude crescer e ver que mesmo que tenha os cursos no CEU de Parelheiros, tem cursos fora do CEU de Parelheiros. Só que na região onde moramos tem pessoas que moram em sítios, e é muito distante para chegar aqui. Então, por que não ter um CCA no bairro, que é um Centro Comunitário do Adolescente? Isso seria um benefício para os jovens e crianças que saem da creche.

Essa é a minha reivindicação. Seria também bom, porque eles vão estar fazendo

algum curso, vão poder estar se locomovendo para ir para o mercado de trabalho, de repente, com uma parceria com o CEU. Como foi falado aqui, o CEU de Parelheiros é de nós todos. Ele não é de Prefeitura “a” ou Prefeitura “b”, ele é da população. Então, nós devemos exigir isso. Devemos cobrar isso.

Eu cresci, tive que fazer cursos. Fiz curso na Fundação Jovem Profissional, que fica na Avenida Nove de Julho. Fiz um curso de auxiliar administrativo. Eu tinha que ir para longe, na época eu não tinha o CEU de Parelheiros; tive que ir para lá. Na época, foi muito bom para mim. Hoje tem curso aqui, mas tem pessoas lá que moram muito longe de onde eu moro – no Colônia -, em Vargem Grande II. Vargem Grande é lá no meio do mato, bem no sítio, bem vulnerável. Então, vamos supor que tenha uma CCA ali, seria um auxílio muito grande para aquelas crianças dos sítios, para os jovens que moram ali. Porque muitos hoje em dia, se você não colocar eles voltados para um curso, para alguma coisa, a mente deles é ocupada com outras coisas. A gente tem que buscar uma melhoria para eles. Essa é a minha reivindicação. Muito obrigado a todos, e Deus abençoe. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias) –** Obrigado, Sr. Adelino.

Agradeço a cada um de vocês que vieram aqui fazer seus pronunciamentos. Isso é importante para a nossa região, é importante para a nossa cidade.

Vou passar a palavra para a nossa Secretária, que é uma autoridade na nossa cidade, não pelo cargo de Secretária, mas pela história de vida dela e pelo que vem fazendo pela nossa cidade e, como o Bigode falou aqui, pela nossa região do Grajaú. Elisabete França, a senhora tem bastante conhecimento e propriedade, e a senhora pode falar um pouquinho para os nossos colegas que vieram a esta audiência pública. Por favor.

**A SRA. ELISABETE FRANÇA –** Boa tarde. É quase boa noite já.

Queria cumprimentar os Vereadores e parabenizá-los por esta audiência pública. Eu tendo a concordar com todas as manifestações. Com certeza, a regularização fundiária é o grande problema da região. A gente tem trabalhado. Vocês sabem que existe uma lei específica para a região de mananciais, para Guarapiranga e para Billings, que é uma lei estadual. Nós

precisamos acionar o Governador. A gente já está falando com vários deputados. Essa lei tem que ser mudada. Essa lei é de 99 e é ela que impede a construção de unidades habitacionais verticalizadas, como alguém mencionou aqui. A gente pode ter no máximo 5 andares. Ela impede a regularização fundiária de loteamentos que tenham sido feitos depois de 2016 e impede a construção de equipamentos públicos, porque não há terreno regularizado.

O que eu tenho a dizer a vocês é que a gente agora está fazendo um plano de regularização fundiária. Nós tivemos um problema de contratação, aquelas coisas que demoram; e várias áreas aqui da região estão incluídas nesse projeto de regularização fundiária. Eu não vou saber agora dizer todas as que estão, mas eu fico à disposição dos Vereadores e dos movimentos para a gente conversar sobre isso. E temos algumas obras que estão próximas de começar. Aqui foi citado o Jardim Norberto, o Manacás, tem Recreio, Santa Terezinha, Bosque do Sol, Silveiras I e II e Vargem Grande, uma parte lá que foi feito, mas depois mudou o governo e não terminaram. Então, existem algumas obras de urbanização.

Existe um programa habitacional que vocês mencionaram aqui, também, grande, da parte do Prefeito Ricardo Nunes. O Prefeito já viabilizou a compra de 39 mil moradias, que o mercado vai fazer e a Prefeitura vai comprar; mas eu sei que é difícil ter moradia para comprar aqui porque o mercado não constrói nessa região. Então, eu estava comentando aqui com o Vereador Marcelo Messias que nessa região a gente tem que investir em urbanização de favelas e em regularização fundiária.

Eu tenho aqui um colega, o Edmilson, que é da região da Capela. A obra do bairro dele foi feita em 1996, e nós estamos trabalhando agora na regularização fundiária. Então, é muito chato. Eu acho que tudo o que a gente puder fazer para facilitar essa questão tanto no Plano Diretor, que a gente está desenhando algumas novas Zonas Especiais de Interesse Social para encaminhar à Câmara, como no Governo Estadual para mudar a lei específica, isso vai nos ajudar.

Eu vou só completar com um caso que nós temos, que é surreal. Nós estamos construindo 3 mil unidades aqui na região ao lado da Chácara do Conde no único terreno ZEIS-

4 que pode construir unidade habitacional na região de mananciais; o único terreno. Pois bem. O Ministério Público barrou a construção com mais de 5 ou 6 ações, alegando que tinha lá uma nascente e não sei o que mais. Nós estamos já há dois meses fazendo estudos, revendo projetos. Então, do que vários munícipes falaram hoje, tem uma coisa muito importante: só uma coisa muda a cabeça de pessoas que impedem o nosso trabalho, de organismos, e que não sabem nem onde fica Parelheiros: é a pressão popular.

Então, eu concordo que vocês tenham que fazer muita pressão popular. Os Vereadores estão aqui, anotaram tudo, eu vi, vão fazer mudanças no Plano Diretor; mas esses mecanismos de controle que barram obras da Prefeitura, como disse o colega, na região que produz a água para toda a cidade de São Paulo, é uma questão que vocês têm que lutar muito conosco, da Prefeitura de São Paulo, para mudar essas legislações. Porque esse último exemplo que eu citei foge a qualquer lógica que um ser humano possa entender, que é barrar uma construção de um conjunto habitacional.

Muito obrigada. Fico à disposição para quem quiser conhecer os loteamentos que vão entrar na regularização fundiária; e à disposição dos Vereadores também que precisem de mais informações junto ao nosso programa.

Muito obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Sra. Secretária Elisabete. Eu conheci a Elisabete há pouco tempo, sei o quanto ela trabalha pela nossa região e o quanto ela está fazendo para mudar a nossa realidade.

Passo a palavra ao Vereador Fernando Holiday para suas considerações.

**O SR. FERNANDO HOLIDAY** – Boa tarde a todos.

Primeiramente, gostaria de cumprimentar o Vereador Marcelo Messias, a nossa Secretária e o Subprefeito; e parabenizar o Vereador Marcelo Messias, que insistiu constantemente, diversas vezes para que essa audiência fosse realizada pela nossa Comissão e para que a região de Parelheiros não fosse esquecida nessa discussão.

Gostaria de dizer a vocês que o meu papel aqui nesta audiência é justamente colher

todos esses depoimentos para fazer com que ele esteja de fato nessa revisão do Plano Diretor que estamos fazendo. Fui designado como sub-relator, e a minha função é justamente colher o depoimento da população individualmente, apontar cada uma dessas reclamações, cada uma dessas reivindicações. E é realmente surreal que a maior cidade da América Latina, a maior capital das Américas esteja sofrendo com problemas extremamente básicos, de saneamento básico, de acesso a água potável, de acesso a esgoto tratado. É realmente inacreditável que a cidade mais rica do país ainda tenha que discutir esses problemas depois de diversos planos diretores, depois de diversas audiências públicas e depois de anos com as mesmas reclamações sendo colocadas em cada uma dessas audiências. Está na hora de dar um basta. É preciso que a gente coloque um ponto final nessas discussões e resolva definitivamente os problemas da população.

Não é justo que vocês continuem pagando impostos, continuem sustentando uma máquina pública que não é pequena e continuam sustentando salários que não são pequenos, para que os seus problemas não sejam resolvidos, e é ainda mais vergonhoso que, numa audiência como essa, não estejam aqui o Secretário do Verde e do Meio Ambiente, o Secretário da Habitação, que é do meu pedido, e o Secretário da SMUL, que deveriam estar aqui ouvindo pessoalmente cada uma dessas reclamações.

É infelizmente vergonhoso. Eu estou falando infelizmente de pessoas que estão no governo do qual eu faço parte e inclusive do partido do qual eu faço parte, mas, independentemente disso, nós precisamos reconhecer os erros e dar nome e sobrenome para quem está ignorando aqueles que mais sofrem na cidade.

Parabéns a todos vocês. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias)** – Obrigado, Vereador Holiday. Foram importantes essas considerações em relação aos Secretários. Depois eu quero comentar.

Tem a palavra o Sr. Jefão, nosso colega, que está representando a Subprefeitura de Parelheiros.

**O SR. JEFERSON DOS SANTOS MORAES (JEFÃO)** – Boa tarde a todos.

Saúdo a Mesa, a Secretária Elisabete França, o Vereador Marcelo Messias, o Vereador Fernando Holiday, todas as lideranças, toda a população e os munícipes. É uma grande honra estar aqui com vocês falando sobre políticas públicas e falando sobre o futuro da nossa cidade. O Subprefeito Marcos incumbiu-me dessa missão tão valorosa, de poder estar dialogando com vocês e para mim é uma grande honra.

Deram quase quatro páginas aqui, anotando cada pedido e cada petição. Para quem me conhece, eu também sou uma liderança aqui da região. Então, muitas das falas da gente se identificam. Então, há um grande avanço nessa gestão, do nosso Prefeito Ricardo Nunes, de colocar pessoas que conhecem a língua do povo e que falam com o povo de uma maneira tão fácil.

Então, é bacana poder se entender. Então, quando o Marcos me fez o convite de poder estar aqui hoje, ele também enxergou em mim um foco de poder ouvir vocês, de estar junto com vocês e fazer parte do dia a dia, que, muitas vezes, é doloroso. Cada petição que foi feita eu anotei e vou passar. Hoje eu não vou dialogar com vocês sobre cada item. A gente tem uma questão aqui bastante técnica dentro da Prefeitura para poder tratar essas questões, mas vocês têm minha palavra que todas serão tratadas com muito carinho.

Eu quero agradecer o Prefeito Ricardo Nunes por abrir esse espaço e por nos dar essa oportunidade de ter esse diálogo tão importante para a nossa região. Então, está anotado. Eu vou passar as questões para frente. A subprefeitura está à disposição para estar ouvindo a todos.

Quando foi falado aqui qual era o orçamento da subprefeitura para esse ano, está em 47 milhões. Quando eu cheguei, há cinco anos, na subprefeitura, em nível de orçamento, a subprefeitura estava em último lugar de orçamento nas 32 subprefeituras e hoje está em segundo lugar, para vocês verem como essa gestão tem avançado e o quanto o olhar clínico tem sido focado para os extremos das zonas Sul, Leste e Norte, nos quatro cantos da cidade.

Então, agradeço a todos. A Subprefeitura de Parelheiros está de portas abertas para qualquer discussão e, quanto à solicitação do município, de haver mais audiências públicas,

levarei. Eu também concordo. Acho que o diálogo tem que ser diário com a população. Então, parabéns aí pela proposta. Eu tenho certeza que vai acolhida pelo subprefeito, de haver mais diálogo e mais conversa com a população. Beleza.

Obrigado e boa tarde a todos. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Marcelo Messias) – Obrigado.**

Eu vou fazer minhas considerações, porque já estão se passando quase as dezoito horas.

É importante uma audiência pública, principalmente numa região como a nossa, uma região muito grande, a região de Parelheiros. Avançamos muito na questão de saúde na nossa região. Vou falar um geralzão, para as pessoas ficarem sabendo que a gente está trabalhando. Eu venho há dez anos num trabalho com a região. Eu fui assessor de outro parlamentar e venho acompanhando o quanto já foi desenvolvido. Parelheiros não tinha hospital e Parelheiros não tinha UPA. Nós não tínhamos dez equipamentos de assistência social. Já estamos com mais de 35. O Jefão bem disse aqui que o orçamento aumentou. O Prefeito acabou de fazer um aditivo de quatro milhões para cada subprefeitura. Há 220 milhões que estavam parados no Tribunal de Contas, para fazer regularização fundiária. Não é o suficiente, mas estamos avançando. Temos mais de 50 mil habitações para serem entregues na cidade. Não é o suficiente, mas estamos avançando.

Eu concordo com uma coisa com o Vereador Holiday. A cidade de São Paulo hoje tem um orçamento de 96 bilhões de reais, 96 bilhões de reais. No ano passado, eu fui Vice-Presidente de Finanças e comecei a ver onde vai o dinheiro da cidade. Nós temos o quinto melhor orçamento do Brasil. O primeiro é a União, o Governo do Estado, Minas, Rio de Janeiro e a cidade de São Paulo.

Vereador, concordo com o senhor. Não podemos de ver ainda casas sem o mínimo de condições para se viver. Saneamento básico não existe em algumas regiões nesta cidade. Não podemos permitir, porque o saneamento básico é necessário até mesmo para a proteção da família, para a saúde das nossas crianças. Não dá mais para brincar com coisa séria. É



vergonhoso. Tenho muito carinho pelo Marcos Duque Gadelho, que é do meu partido, mas é vergonhoso ele não vir aqui hoje nessa audiência e não mandar um representante, porque eu sei que a secretaria dele, Vereador, tem muitos funcionários. É vergonhoso o Eduardo Castro, Secretário do Verde e do Meio Ambiente, que ganha 30 mil por mês, não vir e não mandar o adjunto ou o Chefe de Gabinete. Na verdade, o Eduardo Castro não é mais. Está o Ravena agora. O Eduardo Castro saiu. Está anotado errado aqui. É o Ravena o Secretário agora. É vergonhoso ganhar 30 mil reais por mês e não vir aqui escutar a população da cidade de São Paulo. Só por que é longe? É vergonhoso o que está acontecendo com vocês. Eu não posso permitir. O João Farias é meu amigo também. Gosto muito do João Farias, mas ele tinha que mandar alguém da sua pasta.

A Secretária Elisabete França está aqui, como Executiva. A senhora está mais com relação aos mananciais. A senhora vem fazer outra frente. Eu acho que ele podia ter mandado alguém da Sehab, em específico. Achei que a senhora viria o representar também, mas a gente considera sua secretaria a irmã da Sehab. A senhora faz bastante pela cidade em relação ao meio ambiente, mas eu acho que ele poderia vir aqui falar a respeito das habitações que estão acontecendo na cidade. Qual é o orçamento hoje da Sehab? Eu fico triste que os secretários que são nomeados pelo Executivo não são representantes do povo. Quem representa o povo é o Vereador eleito, que está aqui trabalhando por vocês. Com certeza, nessa hora, eles devem estar dormindo, não, Fernando? Ou viajando, porque é emenda de feriado. Enquanto isso, os senhores estão aqui trabalhando.

Eu queria agradecê-lo, Fernando Holiday, que me apoiou na nossa comissão, em fazer essa audiência. Fernando Holiday mora na Saúde e veio aqui participar dessa audiência. Então, Vereador, muito obrigado. Agradeço, de coração, você vir dar atenção para as pessoas aqui da nossa região.

Agradeço ao nosso colega Jefão, que sempre está em pé e às ordens para atender as demandas de Parelheiros e da nossa cidade.

E agradecer à Elisabete França. Gente, eu já sou fã dela, porque gosto de ler. Eu

sou novinho, como ela disse aqui. Obrigado, Secretária. Eu leio e li um pouquinho sobre a Elisabete. Sei o quanto ela faz para a nossa cidade e a autoridade que é no serviço que vem fazendo, melhorar a qualidade de vida das pessoas. As pessoas pensam que a gente entrega casa, que a gente entrega na saúde. Não, a gente entrega felicidade. A gente entrega dignidade para as pessoas. Então, quando a Prefeitura entrega uma casa e a senhora regulariza seu imóvel, a gente está entregando dignidade para vocês, que é o mínimo que podemos fazer.

Secretária e Holiday, sempre digo que sou funcionário dessas pessoas, porque elas pagam o nosso salário. Podemos errar, eu erro, o Fernando Holiday erra, todos erram. Mas, temos de ter compromisso com vocês. Anotei tudo, assim como o Holiday, assim como o Jefão e a Elisabete anotaram, para podermos, com os outros Vereadores, discutir e melhorar realmente o Plano Diretor. Não dá mais, não dá mais para fazer Plano Diretor para empresário, para interesseiro e propriedades no centro da cidade de São Paulo. Está na hora de fazer o Plano Diretor também para a periferia. Não vão me calar. Não vão me calar. (Palmas)

Eu sou Vereador da cidade de São Paulo, eleito pelo povo, com ajuda de todos, mas não vou admitir mais que se faça o Plano Diretor para beneficiar quem não precisa nesta cidade. Quem mais precisa é a região mais periférica e as pessoas que menos têm.

Graças a Deus, nós temos muito, mas vejo pessoas que não têm nada. E quando vejo uma região sem saneamento básico, sem água encanada e sem tratamento de esgoto, fico revoltado, porque a cidade mais rica do Brasil ainda permite que aconteça isso. Não dá mais para continuar deixando que isso aconteça. Vocês têm um Vereador aqui que vai continuar trabalhando muito por vocês. Não dá mais para brincar.

O Vereador Fernando Holiday também é um Vereador sério, trabalhador e estamos juntos. Devagarinho, estamos trabalhando para transformar essa cidade. Não vamos jogar a culpa no último prefeito ou no penúltimo prefeito. É uma história de 469 anos de coisas erradas acontecendo. Temos de virar a página, olhar para a frente e vocês juntos poderem mudar essa cidade.

É como sempre digo nos meus discursos: “Ninguém faz nada sozinho.” Só que não

tenho a força que vocês têm todos juntos. O Holiday não tem a força que vocês têm juntos. É mobilização, é diálogo e realmente mais audiências públicas, porque a cidade de São Paulo precisa. Precisa entrar no roteiro de uma cidade digna de se morar e de se viver, com segurança, com habitação e com cultura. Há como fazer isso.

Antigamente - desculpa, Elisabete -, a desculpa que se dava é que não havia orçamento na cidade, que a cidade não tinha dinheiro, não é Holiday? Hoje a cidade tem 96 bilhões de reais. O Prefeito Ricardo Nunes vem trabalhando muito para mudar essa realidade. Mas, infelizmente não se consegue mudar em dois anos ou em quatro anos. Há quem critique, mas quem acompanha o Prefeito e sabe que ele está trabalhando.

A Sra. Elisabete nos falou algo muito importante, de que há o Tribunal de Contas, a Promotoria, o Verde, muita coisa que dificulta que a gente consiga avançar. Tenho uma proposta para colocar agora lá. Fernando, até peço apoio, para conseguirmos fazer com que, nesse Plano Diretor, coloquemos equipamentos públicos municipais, estaduais e federais, para que sejam construídos na área de mananciais, pois moram pessoas. Por que eu não posso botar uma UBS aqui? Por que não posso colocar uma escola aqui, se aqui há pessoas? Temos de ter consciência de que existem as pessoas e elas precisam de equipamentos públicos também.

Como a Elisabete falou, a gente não pode fazer um plano habitacional aqui porque a lei não permite, mas as pessoas vão morar onde? Vão construir favelas? Temos de trabalhar juntos, não só eu e a Elisabete, mas também o Prefeito Ricardo Nunes, o Jefão e o Holiday, para transformarmos isso.

É uma luta grande, mas conto com todos vocês. Vamos conversar com o Governador e voltar a conversar com o Prefeito e com os Vereadores, para enxergar as áreas de mananciais de uma forma diferente. ZEIS têm vez e HIS tem vez, vamos trabalhar muito para mudar a nossa realidade. Não vamos permitir mais enrolar a população mais periférica da cidade de São Paulo.

Quero agradecer a todos vocês, que vieram hoje. Agradecer ao gestor do CEU e já aproveito para falar dele, pessoal. Aquele portão, que estava fechado, é o portão de carga e descarga, e por isso não estava aberto. Foi isso que me passaram. Há outros dois portões para

entrar. Eu vou pedir para colocarem depois uma plaquinha: “carga e descarga”, para ninguém brigar com eles.

Quero agradecer a todos os funcionários do CEU e a toda a GCM, que está sempre nos apoiando. A GCM tem um trabalho lindo. As pessoas falam em segurança. O Prefeito Ricardo Nunes já chamou 1.500 GCMs novos, para trabalharem na nossa região. São mais de 200 viaturas novas para a cidade. O Prefeito vem trabalhando, temos de reconhecer isso. São mais de 200 viaturas novas da GCM e mais de 1.500 homens. Havia quase seis mil homens e o Prefeito chamou 30% a mais e deverá chamar, até o final da gestão, mais 500. Serão dois mil GCMs a mais para a cidade. Então, gente, vamos olhar para a frente, vamos olhar para quem está trabalhando. Não acho justo falar de quem não trabalha.

Quero agradecer a todos os funcionários da Câmara Municipal, que estão aqui nesta tarde, em emenda de feriado, quase dezoito horas. Agradeço a cada um de vocês da Câmara Municipal. Peço desculpas por me estender. A gente trabalha bastante.

Quero agradecer aos funcionários do nosso gabinete, não faço nada sozinho. Se eu estou fazendo um bom trabalho é porque tenho uma equipe muito boa ao meu lado. Há um monte de gente, não vou falar o nome de todo mundo, porque acabo me esquecendo.

Agradeço às lideranças. Falo da Tata, do Rodrigues, do Diego, do Edmilson, de todos vocês que vieram aqui, de todos vocês que fazem realmente a coisa acontecer na cidade de São Paulo. Pensei em vocês, que estão comigo no dia a dia, pois sem as lideranças, a gente não consegue transformar a nossa cidade. O movimento de regularização fundiária e urbanismo na cidade de São Paulo é um movimento novo na cidade de São Paulo. Mas, como vocês fazem barulho, conseguem mostrar a força e realmente chamar atenção para mudar a nossa cidade.

Agradeço a cada um de vocês e lhes desejo um bom domingo e um bom feriado. Quem puder ir, dia 1º de maio, na festa de trabalhador, estão convidados. Haverá uma ação social, brinquedos para as crianças, *shows*, artista da região, lá e aqui, em Parelheiros, no aniversário de Parelheiros, porque a gente valoriza os artistas da região.

Eu declaro realizada a audiência pública do PL 127/2023.

Estão encerrados os nossos trabalhos e que Deus abençoe cada um.

Muito, muito obrigado e fiquem com Deus. (Palmas)